

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CASTRO, Carmen Verônica dos Santos. Carmen Verônica dos Santos Castro (depoimento, 2016). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 4min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Carmen Verônica dos Santos Castro
(depoimento, 2016)**

Rio de Janeiro

2022

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: João Marcelo Ehlert Maia;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 16/11/2016 a 16/11/2016

Duração: 1h 4min

Arquivo digital - áudio: 1;

Temas: Antropologia; Ciências Sociais; Florestan Fernandes; Fundação Roberto Marinho; Magistério; Movimento dos Sem Terra (MST); Movimentos sociais; Pesquisa científica e tecnológica; Políticas públicas; Pós - graduação; Rio Grande do Sul; Sociologia; Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro;

Sumário

Entrevista: 16/11/2016 O trabalho com Ciências Sociais; a sensação de ser uma profissional de Ciências Sociais; o início do magistério; o mestrado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); os concursos e seleções na área; os impactos políticos nos concursos públicos; o trabalho com o Movimento Sem Terra (MST) no Rio Grande do Sul; o período morando no Rio Grande do Sul; a coordenação do Instituto de Educação do MST; o trabalho com a disciplina de Sociologia e de Cultura Brasileira da Antropologia; o Mestrado no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR); o trabalho no Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho; alguns trabalhos com a Escola Florestan Fernandes; o retorno à IPPUR; o trabalho na Fundação Educacional Unificada Campo Grandense (FEUC); a experiência como professora; as preparações e planejamentos de aula; o trabalho como assessora parlamentar; o trabalho no o Núcleo de Estudos Urbanos Josué de Castro; as relações políticas; o concurso e seleção para a Universidade Federal Fluminense (UFF) no Campus de Campos dos Goytacazes; o trabalho com consultoria de licenciamento sócio ambiental e de educação ambiental; a gravidez; o processo de escrita; a saída da FEUC; a experiência do coletivo Universidade e Movimento Social, a partir da América Latina; os constantes projetos acadêmicos; o trabalho para a Escola Florestan Fernandes em parceria do Estado do Paraná através da TV Educativa do Paraná; o trabalho como orientadora; conclusões e agradecimentos.

Entrevista: 16/11/2016

João Marcelo Maia – Hoje é dia 16 de novembro entrevista com Carmen Verônica...

Carmen Verônica – Dos Santos Castro.

J – Obrigada Carmen por me receber. A primeira pergunta que eu faço é sempre assim: você estudou Ciências Sociais, mas eu imagino que em algum momento da sua vida te bateu que você estava profissionalizada nessa área. Você teve essa sensação “eu virei alguém que trabalha com Ciências Sociais”

C – Alguém que trabalha com Ciências Sociais acho que foi quando eu comecei a dar aula.

J – E isso foi quando?

C – Em 2002 que fui professora. Eu tive um contrato de dois anos com a UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul e apesar de estar, sei lá, com 27 anos, eu acho, 27 ou 28 anos, mas me deu aquela sensação, eu achava que estava muito guria, aquela sensação “caramba estou trabalhando com Ciências Sociais!” Ainda que eu já tivesse feito pesquisa, ainda que eu já atuasse num espaço de formação em educação de movimentos sociais, mas eu acho que a coisa mais profissional no sentido institucionalizado foi em 2002.

J – Você já tinha se graduado naquela época e estava no mestrado?

C – Estava no mestrado.

J – Você fez o mestrado no IPPUR?

C – Eu fiz o mestrado no CPDA na UFRRJ.

J – E esse concurso pintou logo depois que você terminou o mestrado?

C – Era uma seleção, não era um concurso nos moldes que as universidades costumam fazer. A universidade tinha sido recém inaugurada, aliás ela estava no processo de instalação e aí a forma de seleção era contrato. E eu tinha acabado de ser contratada, mas ao contrário de começar no primeiro semestre a disciplina que eu comecei foi no segundo semestre.

J – E você ficou quanto tempo lá?

C – Dois anos, eram dois anos de contrato e se encerrava o contrato e por problemas de governo, na época de mudança de governo do PT, do Olívio Dutra, para o governo do Rigotto, do PMDB. A própria estrutura da universidade era muito frágil então teve problemas para instalar, instalar logo o concurso e enfim isso já era 2004. Eu continuei. Paralelamente eu tinha um trabalho em

uma instituição de ensino do Movimento dos Sem Terra, que era o instituto técnico de capacitação da reforma agrária.

J – Lá ou aqui?

C – No Rio Grande do Sul. Eu estava morando nessa época no Rio Grande do Sul. Eu trabalhei com eles de 2002 a 2005. Em 2005, eu retornei para o Rio, mas o meu contrato mesmo terminou em 2004, julho de 2004.

J – Como era esse trabalho no instituto de educação? Sem ser o da UERGS.

C – Do MST era uma instituição de ensino médio, mas eu comecei lá fazendo parte da coordenação do curso de Pedagogia que era uma parceria também com a UERGS. Eu tinha sido contratada pela UERGS por outra coisa e tinha isso que eles também estavam construindo como experiência lá. E eu estava lá, fui para terminar minha dissertação de mestrado, para escrever e não porque eu tinha uma pesquisa direcionada, apesar de ser com o MST, apesar de ser ligada à formação, não era ligada ao povo do Rio Grande do Sul e aí... e lá o trabalho com o ITERRA foi para fazer parte da coordenação, mas aí eu comecei, eu fiz parte do grupo de orientação então, era o curso de graduação em regime especial, que é em regime de alternância, passa-se quase dois meses de intensivão presencial e depois trabalha-se à distância. Isso durou cerca de três anos, três anos e meio e eu era orientadora de um dos grupos de pesquisa e participava do que era a nossa linha de pesquisa que era sujeitos do campo, alguma coisa assim, como se forma os sujeitos do campo, depois teve uma publicaçãozinha pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário e lá era para fazer isso, mas também dava aula para o ensino médio. Porque quando o instituto foi inaugurado em 1995, que foi um descolamento do MST com outros movimentos sociais, lá era voltado para o ensino médio, capacitação ligada aos assentamentos, então começou com o TAC – que era o técnico de administração de cooperativas - e depois o magistério, e depois tiveram outros cursos, o de comunicação popular, alguma coisa assim, na área de saúde também que se fazia uma parceria com a FIOCRUZ, era localizado na serra gaúcha, mas tinha uma vinculação com outras instituições do país e naquele momento agente estava começando. Não a experiência do MST com as universidades, ela já tinha começado uns três anos antes com a UNIJUI, que é uma universidade filantrópica, ela é privada não é pública, mas era a primeira experiência que a gente estava vivendo fora do espaço da universidade e dentro do espaço do MST. Então, eu dava aula, ajudava a coordenar, fazer parte da coordenação do instituto, com outros educadores e educadoras.

J – E como era esse dar aula? Era próximo do que você tinha aprendido, dos conteúdos que você desenvolvia como estudante, era algo muito específico?

C – Era parte do que eu trabalhava, eu trabalhava com disciplina de Sociologia e de Cultura Brasileira da Antropologia. Então, era uma interface obviamente com as Ciências Sociais, com o arcabouço teórico que a gente tinha, ainda que político ideologicamente não fosse exatamente o que a gente tinha visto, mas era um instrumental que eu utilizava. A questão, por exemplo, das pesquisas, da orientação nas pesquisas era um aprendizado que a gente de alguma forma tinha desenvolvido nas iniciações científicas, então era parte desse aprendizado das Ciências Sociais e que estava, tinha se desdobrado no mestrado, no caso do CPDA que tem esse corte na agricultura, no desenvolvimento agrário, mas é de Ciências Sociais, depois eles até batalharam para mudar o nome. Então, eu acho que era uma utilização direta, via movimento social por uma atuação, para uma integração, tinha um projeto muito definido.

J – E qual o balanço? Acabou e em 2005 e você voltou?

C – Em 2005 eu voltei para o Rio.

J – Qual o balanço você fez da sua experiência lá?

C – Depois, em 2006 eu prestei a seleção para o IPPUR, para o doutorado. O balanço, nossa! Acho que foi uma das principais experiências, seja... Pensando nas Ciências Sociais, pensando na profissionalização das Ciências Sociais eu tive a oportunidade de ser colocada no lugar de professora tanto na UERGS quanto no instituto do MST, mas no instituto do MST era me cobrando o papel de orientadora então esse fazer da orientação me fez aprender muito mais, muito mais... eu olhar para as Ciências Sociais de um outro jeito. Foi um baita aprendizado, eu já tinha participado de uma publicaçãozinha de relatório, publicação de uma roda de conversa, mas era um olhar mais metodológico, por exemplo, teórico metodológico, então foi uma baita experiência, eu acho que no amadurecimento profissional e pessoal foi incrível

J – E aí você entrou para o IPPUR...

C – Em 2007. Eu fiz a seleção em 2006 para começar em 2007.

J – Ao longo do seu doutorado você trabalhou também, deu aula?

C – Trabalhei também. Quando eu retorno para o Rio de Janeiro eu tentei dar aula, entreguei currículo em outras instituições de ensino privado e ainda que eu achasse que eu tinha um currículo bom, razoável, eu não conseguia só pelo currículo fazer essa entrada nas faculdades particulares. Eu tinha prestado seleção para um concurso em Alagoas que era para professor assistente, então não precisava de doutorado, mas eu já estava no doutorado. Eu venho para o

Rio e começo a trabalhar no Canal Futura que é da Fundação Roberto Marinho, uma certa sofreguidão...

J – Como é que pintou isso?

C – Pintou porque... eu volto a morar no Rio, mas eu já volto morando, casada, namorando com uma pessoa, não casada oficialmente com reconhecimento do Estado e aí eu tenho uma amiga, super amiga que fomos padrinhos de casamento dela no Maranhão, mas ela morava em Niterói com o companheiro dela, e a gente passou seis meses na casa dela e ela que me conseguiu esse trabalho. No primeiro momento, ela tinha me convidado para participar da secretaria de educação da recém prefeitura que estava começando, não que tinha ganho, mas ainda estava se preparando para assumir que era do Lindbergh, apesar de estar precisando do trampo e o dinheiro que a gente tinha juntado, contado para passar alguns meses e eu estar na casa dela e ela me convidando para compor uma parte da equipe, que ela iria compor a secretaria da educação na parte de educação infantil. Eu fui numa preparação lá de três dias da secretaria de educação com o Instituto Paulo Freire em São Paulo, mas não estava gostando do que estava vendo, cheguei para ela e falei “Pô Lígia, estou precisando de trabalho, estou na sua casa, mas... sei que você está precisando de equipe, a gente é amiga por isso que você me convidou, mas eu não estou a fim de trabalhar lá...” E eu não topei, mas logo depois, através dela, de uma amiga, pintou essa coisa do Canal Futura que eles estavam precisando de profissionais da área de humanas, etc., e fui lá trabalhar porque era uma coisa mais certa tanto de grana quanto do que eu iria fazer lá, apesar de uma certa crise ideológica [risos] por conta do Canal Futura porque é uma fundação além dessa coisa da Fundação Roberto Marinho ela funciona para a responsabilidade social de outras empresas, então isso provocava uma certa crise e o papel da gente era chamado técnico em educação, que era para fazer uma mediação com empresa, atores locais da comunidade e poder local, mas o poder local era muito pouco que era via secretaria de educação de municípios, então eu fazia um trabalho em Nobres, que é um município em Mato Grosso e o município de Sobradinho, que tem duas fábricas, todos esses municípios tem fábrica da Votorantim de cimento que polui horrores, que prejudica, por exemplo, a pavimentação das estradas, uma série de coisas. E o trabalho lá era reunir a comunidade, pensar o que elas, o que as pessoas demandavam, obviamente o que elas demandavam da empresa era emprego, mas a empresa não estava dando emprego, mas era muito mais um trabalho que eles chamam de responsabilidade social, mas é ao meu ver muito pouco eficiente... na verdade, a gente sabe o que está por trás da empresa.

J – E aí o seu trabalho era menos produzir conteúdo, mas organizar essa concertação.

C – A gente produziu uns relatoriozinhos, até teve umas publicaçõezinhas que eu até ponho lá para dizer que estava fazendo alguma coisa nesse período. E isso durou 1 ano e meio e aí quando eu entrei no IPPUR e aí começo, novamente, a trabalhar no IPPUR e a trabalhar... nesse meio tempo eu faço alguns trabalhos com a Escola Florestan Fernandes, voltei ao ITERRA para fechar alguns trabalhos, então esse trabalho que de alguma forma os movimentos sociais acabam possibilitando e que também envolve educação, dar aula, fazer pesquisa e tinha parceria com a Rural também nesse meio tempo, teve parceria também, mas, aí foi depois, com o IPPUR, mas aí era com o movimento de Atingidos por Barragens, mas nesse campo político da Via Campesina.

J – Que você tinha bastante porta aberta porque você tinha uma história com movimento.

C – Eu tinha esse trânsito com a militância.

J – E aí em algum momento do seu doutorado você consegue dar eventualmente aula na FEUC, é isso?

C – É. Já mais para o final, aí eu passo esse tempo dando aula nessas instituições ligadas aos movimentos sociais, Escola Nacional Florestan Fernandes, primeiro, eu passo para ser professora substituta na Rural, que dura uns dois anos, de 2011 a 2013. E em 2013 eu começo dar aula na FEUC.

J – Como é que foi na Rural esse tempo de substituto?

C – Ah, o substituto é meio bucha de canhão da universidade [risos] aí você vai dar aquelas disciplinas, assim um professor estava afastado, licenciado para assumir trabalhos numa pró reitoria, eu acho que era isso, mas na reitoria, um trabalho na reitoria, e isso libera algumas vagas para professor substituto e aí a gente entra leva de cinco professores substitutos. A gente trabalha basicamente com aquelas disciplinas de introdução à sociologia, era Sociologia voltada para Administração, então eram estudantes de Engenharia Química, de Administração e são geralmente disciplinas para outros cursos, dificilmente são para os cursos de Ciências Sociais, mas você também pode acabar pegando gente de humanas, eu não lembro agora se eu peguei alguma turma de Ciências Sociais, mas aí a gente passa a repetir aquelas disciplinas e num semestre aí mais por camaradagem e por estar ajustando horário me ofereceram umas disciplinas, mas aí foi pela Flavinha, que era uma coisa meio de camaradagem, que eu acabei não aceitando eu acho que por conta do horário essa coisa de estar cuidando de filha com pai, então nesse troca troca de horário, eu acho que eu dei basicamente as disciplinas de introdução.

Eu acho que foi isso. E nesse momento tinha possibilitado essa oportunidade dar uma mais ligada à metodologia, mas eu dei aula para Arquitetura, não sei se eu tinha alguma disciplina ligada às questões urbanas, mas eu acho que não. Acho que posso estar confundindo com coisas da FEUC. A ida para a FEUC foi mais interessante nesse sentido, apesar de ser privada, eu sei que tem uma certa... na forma que a gente é formado a gente tem uma antipatia, a gente constrói isso, ela me deu a oportunidade de trabalhar disciplinas do curso nas Ciências Sociais e na Pedagogia, com disciplinas mais avançadas do meio do curso, então isso era mais interessante voltar para trabalhar orientações de monografia, o que para mim é super gratificante, eu gosto muito.

J – Nessa altura você já tinha uma experiência grande dando aula, mesmo quando você entrou na Rural você já tinha...

C – Já, por conta dos dois anos na UERGS, por estar envolvida com os cursos do movimento social, que as vezes era especialização, as vezes era graduação, as vezes era um curso extensão...

J – E como era o seu fazer enquanto professora, digamos assim? Sendo substituta é mais complicado, mas você preparava toda a aula, você recorria a matéria didático, você tinha alguma estratégia, como é que era?

C – Eu sempre fui de preparar aula.

J – Em casa?

C – Em casa. Geralmente, a gente acaba trabalhando muito em casa. Eu preparava aula, usava aquele meio BABA de textos, xerox, mas também usava PowerPoint, aí tem um instrumental que é um instrumental que você acaba aprendendo com os Movimentos Sociais e com outros professores também, mas certas... eu não fazia exatamente as dinâmicas que a gente fazia nos movimentos sociais, mas a gente acaba usando um pouco, algumas dinâmicas sei lá, no caso de disciplinas introdutórias, aí a gente vai pegar um pouco essa perspectiva marxista de como funciona a sociedade, então no movimento social a gente acaba aprendendo muito isso uma dinâmica de entendimento de como é que se dá a montagem de sociedade de classe, o processo de produção, então acabava pegando um pouco dessas técnicas também.

J – Você chegava a escrever a aula, tem gente que só leva umas notas...

C – Acho que já fiz um pouquinho de tudo, de escrever a aula, de como é que eu iria fazer, sobretudo, aquelas aulas que a gente ainda não deu que é novidade, essas a gente tem que estudar mais, preparar aula, fazer notas, as vezes eu fazia um esqueminha mesmo, aí a medida

que a gente vai repetindo as disciplinas e aí começa a ficar coisas do caderninho, então começa a rolar um certo improviso...

J – Você consultava as suas aulas?

C – É consultava as aulas e rola algumas coisas meio de improvisação, você fica também tentando inovar algumas coisas.

J – Você conseguia ter um dia específico para essas coisas? Sexta é dia de preparar a aula...

C – Sim, depende dos dias que eu estava dando aula na semana. Então, por exemplo, no caso da experiência mais recente, a FEUC, são aulas à noite, ou eu trabalhava as aulas no dia anterior ou naquele dia mesmo, na parte da manhã. Por exemplo, nos últimos períodos eu estava muito na quinta e na sexta, então eu pegava a quarta e a quinta para trabalhar, geralmente era isso. E eu deixava mais encostado porque nesse período, esse período mais recente eu acho que eu sempre dividi um pouco essas coisas das aulas com outras atividades que eu estava fazendo de caráter mais político, então de...

J – A gente está em 2016...

C – Em 2014 eu comecei a ser assessora parlamentar, então eu dividia a minha semana tipo então eu dedicava segunda à quarta mais full time da coisa do mandato do Cinco e pegava um resto da quarta e quinta, porque sexta como era quinta e sexta eu deixava mais quebrada e eu trabalhava mais essa coisa da FEUC e eu trabalhava a coisa das aulas, como é que eu iria dar aula ou a coisas de retorno da turma, sei lá da avaliação. Teve um período que eu parei de dar trabalho, comecei a achar insuportável dar trabalho por causa da cópia da internet...

J – Ah, começou a te irritar isso e você passou para prova.

C – Só prova, aí eu virei professora prova. Ainda que no início, num primeiro momento por concepção eu achava que prova era um absurdo, etc. e tal, mas eu comecei a perceber que os estudantes elaboravam mais nas provas do que, por exemplo, nos trabalhos. Então, esse período de quinta e sexta era para preparar aula ou para dar um retorno de prova ou alguma coisa... eu tento dar exercícios...

J – Ao longo do semestre?

C – É porque eu acho que se você só dá prova o estudante só vai se dedicar para a próxima prova e aí a gente perde um monte, desse retorno, e dele ter que buscar ainda que ele vá buscar na internet e eu gosto, o que me provoca um trabalho imenso que a pessoa faça manuscrito algumas coisas...

J – Os exercícios?

C – Os exercícios porque mesmo que copie diretamente da internet, o exercício manual requer que o cérebro trabalhe porque senão vira corta e cola, ainda que tenha algum trabalho cerebral, ele me parece muito menor no exercício de reflexão mesmo.

J – Os exercícios eram o que? Para discutir um tema contemporâneo, buscar informações nos textos...

C – Não, era tipo eixos do que eu estava trabalhando na disciplina. Então, por exemplo, as turmas que eu comecei a ter mais problema não eram as das Ciências Sociais, mas as da Pedagogia. Porque eu entrava com disciplinas da Política e diziam “Ah, professora eu odeio política” eu dizia “Ah, então tá. Vamos trabalhar o ódio psicanalítico, o ódio da política, o ódio daquela disciplina, etc. e tal.” E aí eu trabalhava por eixos, por exemplo, Estado e Política Pública, então num determinado momento vamos dissecar a questão do Estado, o que estamos entendendo por Estado, e aí com o suporte do texto. Eu tentava sempre trabalhar um pouco a bibliografia básica, que eu geralmente estava meio ruinzinha, com alguma coisa que eu trazia de texto, eu tentava facilitar, mas, não necessariamente os textos são fáceis porque não são questões fáceis, Estado é um negócio bastante ilustrado ao mesmo tempo que é acessível, então eu pegava uma conferência, uma palestra do Carlos Nelson Coutinho trabalhando Estado, depois virou texto, mas me parecia um pouco mais palatável, mas não era tão palatável, porque era um pouco dissecar o histórico de organização política de Estado, o que era um Estado de Bem Estar Social, etc. e tal, tem inclusive um pouco para chegar nas questões de política pública. Então, era um pouco isso e isso multiplicava muito porque na faculdade privada e não dá para dizer que é em toda faculdade privada eu estou me localizando numa faculdade privada que não é de ponta, é de periferia ela é menor, ela é de trabalhadores então ainda que seja um perfil de trabalhadores para o grosso das faculdades ela é Campo Grande, então ela é mais periférica e muitas vezes quem está fazendo faculdade já é trabalhador, mas não tem nada a ver com aquela área. Ela vai tentar entrar para educação, por exemplo.

J – Entendi, fazer um concurso para educação.

C – Exatamente, para rede pública sobretudo ensino médio.

J – E como era a sua vida laboral na FEUC, você era contratada como professora assistente, era isso?

C – Era CLT, eh... mas, eles não tem muito essa categoria de professor assistente ou de adjunto, mas assim me dava um pouco mais de gratificação o fato de ser doutora, uma merreca, e como

MEC passou a exigir a presença de doutores, de ter núcleo de pesquisa etc. e tal, fazia parte de núcleo estruturante do curso...

J -O MDE.

C – Isso. De Ciências Sociais, então aí eu trabalhava, por exemplo, eu chegava... eu pedi demissão da FEUC recentemente porque eles passaram a atrasar demais os salários, além do salário não ser, isso tem um mês e pouco, mas, eu achava que eu gozava de alguma...

J – Autonomia?

C – Autonomia, nunca me senti pressionada.

J – De deliberação do que você vai dar no curso, o programa não tinha essa coisa que as vezes acontece nas particulares...

C – Eu me sentia... uma boa relação com a coordenação que isso conta e muito e a coordenação, a FEUC é muito familiar, nesse sentido, então apesar de ser uma fundação quem administra a fundação e que estava na coordenação, por exemplo, do curso de Ciências Sociais que é um curso muito pequenininho é parente, então com uma certa abertura, uma pessoa de atuação de esquerda na zona oeste e olhava muito assim, desse jeito, então uma ligação política ideológica, mas também me liberava de muita coisa, por exemplo, eu pegava um curso de teoria “Pô, não vamos dar Bauman porra nenhuma, pra quê Bauman?” “Lê galera, lê que é legal ler”.

J – “Mas, vamos fazer outra coisa”

C – Então eu me sentia com muita liberdade, mas chegava duas horas antes, para dar aula, para atender os estudantes, para ver coisas relativas ao curso e eu ia para uma salinha

J – Você tinha uma salinha lá?

C – E esse ter uma salinha faz uma diferença gigante.

J – Isso que eu iria perguntar, era sua a salinha?

C – Não era a minha a salinha...

J – Era a dos professores?

C – Não era a sala dos professores, tinha a sala dos professores que eu achava infernal, eu evitava ao máximo ir até lá, caraca um lugar que eu tentava evitar ao máximo porque eu não gostava dos comentários dos outros professores sobre os estudantes, era sempre os estudantes não querem nada...

J – Não leem e não querem nada.

C – Eu achava isso muito ruim, porque sei lá eu acho que isso tem como ser mais contextualizado. Acho que a gente tem que trabalhar numa outra e aí acho que eu venho muito

nessa perspectiva dos movimentos sociais, de uma perspectiva Paulo Freire, que eu aprendi nos movimentos sociais, não foi na universidade, não foi na Licenciatura.

J – E tinha uma salinha da coordenação?

C – Não era da coordenação, era o Núcleo de Estudos Urbanos Josué de Castro, então trabalhava mais extensão do que exatamente a pesquisa na verdade trabalhava pesquisa, eu até lancei uma proposta da gente tentar fazer uma ligação, não inventar nada porque não tem recurso, não tem nada, não tem como pegar agência de fomento, então era muito mais ligada aos interesses dos estudantes que muitas vezes é a Zona Oeste e tentar criar uma interlocução com o núcleo via amigos na Rural e via IPPUR que é a minha formação e que vinha um outro professor que estava dando aula lá, então era tentar fazer isso e estudos urbanos que era um pouco a pegada, que a galera pegava mais mesmo.

J – Me fala um projeto legal que tenha rolado lá, que você achou interessante nessa vibe da extensão?

C – Que já existia, eu entrei...

J – Você se engajou.

C – Estava muito ligado... a gente fez, tinha debate então o Zé Renato fez vários debates, tinha semana acadêmica que trazia pessoas da região então, produtores da agricultura urbana que é um movimento que está ficando forte no país e tem o Rio de Janeiro como referência, então era uma extensão que abria espaço para eles, espaço, por exemplo, das demandas do próprio MST de debater reforma agrária com a universidades, que foca mais as universidades públicas, mas que consegue chegar em alguns espaços. Visitas, então tinha visita no período da semana de Ciências Sociais tinha visita à determinados espaços que já tem relação de determinados grupos, por exemplo, de movimentos sociais, por exemplo, essas coisas das remoções que aconteceram por conta dos mega eventos. Aí, por exemplo, a gente conseguiu fazer uma atividade de extensão tanto deles falarem dos dramas nas atividades acadêmicas que é feito junto com o povo de Geografia e eu achava isso bem legal e da gente ir a campo, fazer campo com eles, então rolou Vila Recreio II, rolou Vila Autódromo, rolou o pessoal das Vargens, eles agora estão vivendo um drama e é engraçado que eu também via isso, de certa forma, via câmara que é essa interface política, então o drama da Vila Autódromo, drama que já tinha acontecido da Vila Recreio III, o problema das Vargens com a questão do plano diretor, enfim era um pouco isso nesse sentido. Não tinha uma pesquisa mais consistente, mas aí, por exemplo, eu participo de um coletivo que a gente fez interdisciplinar com professores de

diversas áreas, diversas universidades, que é um coletivo Universidades e Movimentos Sociais que vem da militância de vários profissionais da área, sobretudo, das Ciências Sociais, e a gente fez um projeto de pesquisa e extensão e até a gente conseguiu um financiamento de dois anos da FAPERJ para atividades de extensão e, por exemplo, deu para montar um seminário internacional Universidade e Movimento Sociais, a gente trouxe gente com experiência do Uruguai, Argentina, MST, obviamente, o MAB, trouxemos do Equador, Bolívia e além disso de Portugal e Espanha, muito via também essa relação que a gente tem com o Breno lá do Iesp, o Breno Bringel, que também tem uma relação antiga da época de estudante dele na Espanha. E aí a gente conseguiu trazer, fazer essa interface um pouco de extensão com os estudantes da FEUC, claro que cada um foi catando dos espaços, aqui envolvia também professores da Rural como Flavinha, o Javier que é professor da UFF na Economia, a Lícia que é uma professora da Educação da UFF, professores do Direito da UFRJ, Mariana Trota, mas aí também tinha... Cada um desses traz um coletivo também, um menino que era professor substituto do Direito da UERJ, Luís Otávio, que agora também fazia assessoria parlamentar na ALERJ, enfim foi um pouco isso.

J – Ao mesmo tempo você ainda era assessora parlamentar do gabinete do Cinco, era isso?

C – Continuo.

J – Desde de 2014?

C – É. O mandato começa em 2013, mas eu não entrei em 2013, entrei em 2014. Inclusive o contive foi feito quando eu estava um dia na salinha do NEUB, que é uma salinha, então essa coisa de trabalhar numa salinha é impressionante como faz diferença. Diferente, por exemplo, de quando eu estava lá, obvio que eu era substituta também, na Rural, eu não sei como está agora, mas era uma salona com as baias, só que isso você não tem a menor privacidade, silêncio, coisa e tal, e daí tinha uma ideia de construir espaço, então essa coisa da salinha para um professor trabalhar é impressionante, por mais que ela seja... a salinha era metade dessa sala, era quase um oásis.

J – Você estava na salinha e o telefone tocou?

C – E o telefone tocou era o Soninho, que é amigo de longa data, assessor do Cinco e perguntou “Olha, a gente está precisando de outra pessoa aqui na época, de Cidades” Obviamente, isso são relações de amizade...

J – Relações políticas também...

C – Relações de militância, política... “A gente está precisando de uma pessoa e pensamos em você, a gente ainda está conversando isso na coordenação...” eu falei “Nossa que ótimo, que honra, não sei o que... também estou precisando de mais salário porque a FEUC paga mal.” E eu gosto sempre dessa interface para além da atividade docente, eu acho que me sinto mais pulsante, me sinto menos esgotada só no trabalho. Obviamente, por exemplo, se eu tivesse passado num concurso de universidade pública eu iria obviamente dizer tchau para o mandato que é um lugar, num certo sentido, muito privilegiado na forma de trabalho, eu me sinto muito em casa para trabalhar.

J – Como é que é o trabalho? O que você faz?

C – O que eu faço? Por exemplo...

J – Você tem uma rotina de segunda à quarta lá?

C – Não presencial, tem uma equipe interna porque não cabe todo mundo na sala. A gente faz algumas reuniões e encontros lá, tem uma equipe interna que é de suporte, a galera que faz a secretaria, o gabinete, vai marcar sala para tal coisa, vê o que saiu no diário oficial, entrou uma pauta bizarra, tem um pessoal da comunicação que é mais fixo também e o pessoal do suporte orçamentário jurídico que é o que a gente sempre está mais de olho, que aí são advogados e etc. e tal, e tem uma galera que vai e volta lá, está nas reuniões etc. e tal, mas que está articulando outras atividades com os setores de fora. Então, quando eu fui chamada foi muito para uma intervenção junto aos movimentos sociais e articulações com grupos políticos, atores políticos, então eu vou lá, a gente se encontra que nem é lá, porque nós já estamos em outro espaço, a gente alugava um espaço externo que depois com as eleições acabou o aluguel do espaço, e a gente só vai voltar a alugar ano que vem. Então, a gente arruma outro espaço senão não cabe toda a equipe. Então, eu tenho fixo a reunião de segunda à tarde, que essa semana não aconteceu, e a semana de equipe de cidade, eu acompanho a equipe de cidade, eu posso eventualmente ir lá ou posso articular outras coisas, falo por whats’app, por e-mail ou por telefone. Por exemplo, agora estou articulando uma audiência pública da Comissão Especial de Recursos Hídricos, a gente chama de colapso hídrico, mas é recursos hídricos, que é junto com os agricultores urbanos da Zona Oeste do Rio de Janeiro, então essa é a minha pauta. A gente já protocolou aí tem que chamar uma reunião da comissão que é meio fantasiosa, só para chamar para isso... [“fantasiosa” você tem que cortar]. Aí que está, que aprova esse babado que vai ter uma audiência, tem que sair em Diário Oficial tem toda uma burocracia, a gente vai compondo a mesa, quem a gente vai querer trazer do poder público que não necessariamente

virá, então a gente tem que fazer a divulgação disso, mas aí eu tenho que ligar para o pessoal da comunicação “Olha, Alessandro tem que fazer a arte do evento...” Esse é um pouco o meu dia-a-dia, mas aí sei lá pode ser que no final de semana eu tenha que acompanhar, por exemplo, 20 de novembro nós temos um convite que eu não sei se o Cinco irá e geralmente um de nós acompanha, domingo pode ser que eu tenha que acompanhar o Cinco no Quilombo Astrogilda Kafundá em Vargem Grande ou à noite a gente pode fazer alguma coisa...

J – Eventualmente, se tem alguma remoção que chama o mandato você tenta ir também ou ele tenta te chamar...

C – Isso tudo a gente vai trocando entre o pessoal da equipe, quem pode ir quem não pode, quem naquele horário está com alguma coisa etc. e tal.

J – É um trabalho de articulação, mobilização...

C – De articulação política.

J – Mal comparando, você vai se ofender, mas lembra as habilidades que você tinha que ter no projeto Futura, do Canal Futura. Só que por outro sentido político ideológico.

C – É... com atores políticos, com setor público, talvez com o setor privado a gente, na verdade, eu lido, ao invés de estar sendo contratada pelo setor privado, eu era contratada pelo setor privado, eu sou contratada pelo setor público estatal político, e isso cria uma certa, um certo conforto político ideológico nesse sentido, mas aí a gente olha para o setor privado de uma forma mais inimiga, por exemplo, a agente está analisando as propostas, por exemplo, de quem a prefeitura do Rio de Janeiro vai beneficiar na parceria público privado.

J – Mas, olha só nesse momento em que você está falando 2014, 2015, você estava na FEUC ainda, você estava no mandato, você tem uma filha, você ainda conseguia fazer doutorado?

C – Ah não, o doutorado eu terminei em 2013.

J – 2013, está certo.

C - Na verdade, eu tinha que ter terminado ele, eu tinha que ter defendido 2007, 2009, eu tinha que ter defendido ele, se fosse nos quatro anos, em 2011, não...2011 não. Início de 2012.

J – Você prorrogou um ano e pouco...

C – A minha orientadora morreu, foi punk! Foi uma das coisas mais incríveis, conhecer a Ana Clara para mim foi um presente. A minha experiência de mestrado foi muito traumática, foi muito difícil, a minha formação nas Ciências Sociais é difícil porque eu tive que lidar apesar de eu sempre brincar que eu entrei pelos fundos da universidade, eu entrei num momento que sobrava vaga no curso e não é um curso concorrido, a área de humanas é menos concorrida que

tecnológica, até Comunicação é, eu não sei agora como está o ranking dessas coisas, mas eu tive que reaprender a ler, eu tive que lidar com a minha dificuldade de escolarização e com um mundo que do qual eu não pertencço, assim originalmente, agora eu até me sinto parte dele, eu posso me sentir de determinadas formas nesse campo porque esse campo tem as suas divisões, mas hoje eu faço parte dele. Eu posso dizer de uma forma periférica, meio marginal as vezes, mais precária, menos precária, enfim... mas, esse universo intelectual não era um universo... então, eu tive que lidar com isso. Talvez esse, além do cotidiano da rotina doméstica, de ter que varrer uma casa atualmente eu ando num drama de catar piolho em filha, proliferação de piolho na escola, infernal, mas, talvez um dos desafios de ser professora e ao mesmo tempo era essas superações do campo intelectual, de uma dificuldade de escolarização, de uma escolarização precária, da minha origem, essa coisa da origem de trabalhadora, popular, de classe, uma marca de classe. É impressionante isso é um peso que para mim ele ainda aparece quando eu vou prestar concurso, eu acabei de fazer concurso agora para UFF de Campos, fui classificada pela primeira vez então era quase... Fui classificada, mas não fiquei no primeiro lugar, fomos cinco classificados e eu fiquei em quarto lugar.

J – Era um concurso gigantesco, né? 50 pessoas, 40 e muitas, era bastante gente...

C – Não vinte e poucas pessoas esse. Estiveram presentes 10. Saiu um na hora, 4 não foram habilitados na prova escrita e 5 foram para prova didática e foram classificados, mas era uma vaga. Lidar isso é muito infernal, é horrível, eu acho que talvez é porque se eu fosse pensar melhor em algum outro momento eu não achasse que era pior, mas eu acho que é pior... vou falar isso de forma crua sem muita reflexão, mas eu acho que a pior forma de lidar com este movimento profissional é o concurso público, você se coloca em provação, você se sente incompetente, isso gera frustração, talvez esse último concurso eu acho que com as porradas...

J – Que você foi tomando...

C – é... eu não esteja com o peso do que eu já vivi, mas é extremamente frustrante, extremamente doloroso, super difícil.

J – Mas, e aí como era fazer pesquisa para o doutorado, para terminar essa parte, como era fazer tendo uma rotina...

C – Doméstica...

J – Não só isso. Você tinha uma rotina doméstica, trabalhava, fazia várias coisas e etc. e tal. Você tinha uma coisa “Hoje é o dia da tese” ou a tese era quando dá...

C – Não... quando a tese entra para ser escrita, no momento de escrita, não é à toa...

J – Da pesquisa mesmo, ler coisa, coletar algum material, fazer alguma entrevista...

C – Tem um momento que... nesse momento, por exemplo, do doutorado que a grana fica curta eu vou fazer consultoria, por exemplo. Essa consultoria nem apareceu, que é consultoria de licenciamento sócio ambiental e de educação ambiental que é dentro do licenciamento como uma contrapartida pela poluição que a empresa está fazendo de produção de petróleo na região da bacia de Campos. Quando entra a tese, a tese é prioritária, mas a tese é prioritária assim: quando eu sei que passei, assim eu tenho uma relação ali de quatro anos vivendo com o Márcio e aí a gente começa ver que as pessoas não morrem porque tem filho e a gente pensou em ter filho... quando eu passo no doutorado, eu passei em primeiro lugar e pensei “puta merda, eu vou ter bolsa mesmo se tiver bolsa” eu falei “Márcio, olha agora eu acho que a gente pode engravidar”. E a gente engravidou foi incrível, eu não sabia que se engravida com uma rapidez de coelho. E aí eu engravidei, então a Maria Rosa ela é programada para o período de concurso porque eu fui casada com um músico, então o Márcio era muito mais instável do que eu, então eu tinha uma bolsa de quatro anos e essa era a alegria. E aí a Maria Rosa, na verdade, que entrou... enfim, eu não sei como é essa entrada de rotina, mas eu lembro muito depois que ela nasceu eu dando, eu tinha uma coisa de acordar em média cinco vezes por noite, eu dava de mamar para ela e estava muito elétrica e estava, sei lá, três horas da manhã trabalhando. Fazendo trabalho nessa época eram as disciplinas do doutorado e a tese foi feita desse jeito, a minha filha brincando com a coisa da tese quando ela já falava. Ela começou a frequentar escolinha com três anos e ela dizia que era a tese da mamãe e não podia mexer em determinado espaço. Eu nunca tive casa grande, eu morava exatamente no apartamento do lado, então era sempre um apartamento de um quarto, então eu só tinha uma mesa que tinha e continua tendo um monte de papel embaixo, então ali não podia mexer e ela sabia.

J – E você ficava lá, usava esses tempos, etc. e tal...

C – Usava esses tempos e tinha tempo durante o dia. O Márcio por ser músico, ele tinha muito trabalho à noite e ficava muito com a Maria Rosa. Então, o ter filho também com o Márcio eu achava que era um cara que contava, e como eu já tinha vivido quatro anos com ele, ele assumia muito a vida doméstica. Nesse sentido, ele era muito conveniente para mim que tinha uma coisa de ter uma vida acadêmica e trabalhava. Então, nesse sentido, era muito combinado. É porque a gente sempre fala sobre casamento se refere a afeto, mas é o quanto isso se encaixa na tua rotina da vida prática, que essa parte do amor romântico ninguém gosta de falar, mas era muito... ele assumia muito a vida doméstica, então ainda que eu fosse a mãe que deu de mamar

dois anos e três meses, dois anos e dois meses e pouco, isso demanda muito de mim, demandava de madrugada, etc. e tal, durante o dia também, mas acabava me dando um suporte doméstico que era importante. E era muito eu e ele, a gente não avó, não tinha babá, não tinha empregada doméstica, não tinha diarista, essas coisas, tinha que fazer comida.

J – Como era para você... Na verdade, é uma pergunta do presente. Como é para você escrever? Que para muita gente precisa de uma total solidão, você consegue? Você tem tempo para isso?

C – Não, é no caos.

J – No caos? Tem hora marcada?

C – Mas, eu estabeleço tempo para mim. Por exemplo, agora quando eu estava me preparando para o concurso o Márcio foi morar no Caribe há dois meses, então eu estou experimentando uma outra situação. Eu estava estudando para o concurso, eu botava a Maria Rosa para dormir mais cedo, dormia mais cedo e acordava mais cedo. Porque aí aquele momento, ela estuda de tarde, até a hora dela acordar, ela não acorda cedo, eu deixava, empurrava o máximo, mas tentando respeitar o horário para não ficar muito colado café da manhã e almoço para ela, mas eu tentava trabalhar o máximo de manhã. E também... e aí é óbvio que nesse momento como eu tenho flexibilidade no mandato e pedi recentemente demissão na FEUC, eu roubei uns tempos do mandato para isso, porque eu administro muito o meu tempo e isso também me ajuda a escrever. Mas, obviamente eu prefiro silêncio, ter a Maria Rosa dormindo ou quando o Márcio estava antes desses dois meses, quando ela não estava comigo que aí eu estou mais... e também não fico dividindo a atenção, mas também comecei a aprender a trabalhar no caos, ela está brincando, vendo TV e eu estou... sei lá os vizinhos reclamam de alguma coisa e eu estou tentando. Mas eu não uso fone.

J – Você fica ligada mesmo, normalmente. E é sofrido para você escrever? Ou vai fluindo e depois você vê o que fez? Você tem que sentar com uma ideia ou você vai deixando solto?

C – Depende, eu acho que cada momento... depende da demanda, depende do que que é. Por exemplo, esse projeto, estou fazendo agora um projeto de extensão que tem prazo para essa semana, mas que a ideia apareceu no final da semana proposta por uma professora da UNILA que também é parceria da militância. E ela falou “olha, a UNILA está com um edital...” o edital não dá porra nenhuma, mas ela deu uma disciplina, ela é professora de Economia, mas ela deu aula de moralismo etc., e tal e ela falou “Vamos fazer um projeto para apresentar para a UNILA” eu falei “Está bom”. Fui lá, sentei li o edital da UNILA, marquei uns pontos, e aí sentei e pensei “vou começar olhar os pontos da UNILA...” eu pensei que não iria fluir, vai

fluir se eu conceber todo o esqueleto da proposta e eu concebi todo o esqueleto da proposta. E, nesse momento, por exemplo, uma amiga minha que pega a Maria Rosa para dar uma passeada, não sei o que, foi no momento que eu pensei “está beleza... agora isso dá uma descansada” Depois eu fui colher uma coisa que a gente já tinha acumulado no trabalho da FAPERJ, etc. e tal, e eu fui fazer uma cópia da justificativas teórico metodológico que nós havíamos feito lá, então é um trabalho que me parece mais instrumental que criativo, mas, as vezes, eu gosto dessa coisa mais instrumental porque ao mesmo tempo na hora de fazer o primeiro esqueleto eu prefiro fluir ainda que eu já estivesse lido e esquematizado uns pontinhos. Mas, já foi mais sofrido para eu escrever. Eu acho que inclusive eu fui tentando aprender a escrever. É uma coisa que quando eu cheguei na faculdade eu me dei conta que eu não sabia nem ler nem escrever, ainda que todo mundo passe por aquela dificuldade de ler um texto e dizer “porra, não estou entendendo nada!” Eu acho que eu tive que passar por um processo de reaprendizado e eu acho que eu não domino com os pés nas costas não, eu acho que o meu texto ainda está muito truncado, ele tem dificuldade de fluir, ele traz várias cargas, pode ser que eu consiga... mas, eu acho que ainda tenho muitas dificuldades que eu tenho que enfrentar. E aí a coisa da literatura começou a ser uma curtição para tentar despertar alguma criatividade, sei lá. Ultimamente, eu comecei a ficar enlouquecida por Pablo Escobar influenciada pelo Narcos do Netflix, mas obviamente achando Narcos uma merda. É porque eu comecei a ter uma reflexão a partir dessa experiência do coletivo Universidade e Movimento Social, a partir da América Latina, então por que a América Latina cria determinados, não é o personagem em si, mas o personagem ele é um personagem violento, criminoso e em alguns momentos parece muito romântico, uma figura romântica. Sei lá como Lampião que serviu aos poderosos, mas que em algum momento não sai do nosso imaginário coletivo, enfim piração total, mas eu comecei a ler algumas coisas.

J – Hoje 2016, você está saindo da FEUC, você está trabalhando no mandato só?

C – Fixo só no mandato atualmente.

J – Mas, tem alguns projetos rolando, tem sempre um projeto rolando?

C – Sempre, que não necessariamente me remunera. É trabalho, é muito louco isso. Então, essa coisa, por exemplo, ontem eu coloquei a minha filha para dormir ela estava me chamando e eu estava respondendo uma estudante. Ela só foi fazer, a gente só trabalhou um semestre na FEUC porque ela veio da UERJ com bacharelado, estava fazendo mestrado e passou agora em primeiro lugar no doutorado e tem que terminar a dissertação dela no mestrado correndo e foi

pegar o título de licenciatura e ela tinha que fazer monografia lá, e nós trabalhamos juntas por causa da monografia e fluiu uma amizade ali. E ontem ela estava desesperada porque ela falou “Pô, eu tenho que entregar a minha dissertação, não sei o que...” e eu falei “Me manda” estou arrumando trabalho, eu vou tentar mexer o menos possível na estrutura, mas sei lá abri um diálogo com ela para ver se desemperra, não é a minha dissertação, não é dissertação que está trabalhando comigo. E tem esse projeto agora...

J – Esse da UNILA?

C – Da UNILA. Por exemplo, eu troquei umas figurinhas com o Breno e o Breno falou “Caraca, estou com um projeto que acabou de ser aprovado de pesquisa militante na CLACSO” Mas esse trabalho não me remunera, não é um trabalho que eu coloque... mas é um trabalho que eu acabo assumindo e que me dá muito tesão de fazer, muito tesão de fazer. E aí junta com essa coisa da Roberta, a Roberta está direto na Florestan Fernandes ela falou assim “Você domina Florestan Fernandes?” eu falei “Dominar, eu não domino. Mas, eu escrevi um cardeninho para a própria escola Florestan Fernandes que era uma parceria com o Estado do Paraná através da TV Educativa do Paraná que era para acontecer várias séries sobre realidade brasileira de pensadores, teve Darcy Ribeiro e eu fiz o do Florestan Fernandes, uma ousadia, me trancaram uma semana na Escola Florestan Fernandes e não recebi um puto. Mas assim é o voluntário e achando que é onde o meu trabalho faz um puta sentido para a revolução.

J - Mas continua então sua relação forte com o MST? Ou está mais agora...

C – Não é diferente, ela é muito diferente. Eu passei dez anos orgânica para usar um linguajar militante, então eu fui militante com atuação em acampamento, em assentamento, na estrutura de coordenação do MST, fui para a escola do MST. Isso mais ou menos durou 10 anos, eu calcularia de 1995 a 2005. Depois foi ficando mais esparso, eu fui algumas vezes, eu voltei ao ITERRA, depois fui algumas vezes na Florestan Fernandes para dar aula, para orientar trabalho, depois... enquanto isso eu participava da associação de amigos da Escola Florestan Fernandes tinha um núcleo no Rio que era um dos mais movimentados. Depois ele foi murchando e parou de ter atividade. Hoje em dia eu sou mais uma amiga... eu participo de um negócio chamado coordenação dos professores do MST, mas eu não tenho ido a reunião porque também começou um negócio assim eu bancando as minhas idas para São Paulo e aí não dá para ir toda hora para São Paulo bancando minhas passagens mesmo que as passagens sejam promocionais. Porque se ela for de ônibus eu levo seis horas, mas se for de avião eu levo menos, até dá para comprar umas passagens, mas isso começou a requerer um certo tempo e a própria crise política no país,

isso me deu uma certa freada. Não tem nenhum episódio, agora eu comece a apresentar uma nova reaproximação.

J – Com o MST?

C – Com o MST. Com a escola. Eles me mandam coisas, tem uma referência. Mas, essa coisa da crise do PT, do governo, isso me deixou em crise inclusive, mas é uma crise minha, com o MST no posicionamento, nessas coisas, na construção, na tentativa de construção de frente política da “Brasil Popular”, do definhamento do defunto e que, infelizmente, o PT se transformou nessa tragédia política toda. Mas é um distanciamento, a relação ficou espaça sem exatamente acontecer uma ruptura, mas temos todos referência ainda uns dos outros, então aí a Roberta falou “Pô, vamos dar aula na Florestan” eu falei “Claro! Vamos embora, estamos juntos”.

J – Você dá aula lá também?

C – Sim, mas tem um tempão que eu não vou. Já faz um ano e pouco que eu não vou lá.

J – Para terminar, agora, nesse momento, o que você está pensando? Você tem o trabalho no mandato, você vai tentar fazer mais concurso? Você quer ser professora?

C – Professora para mim é, eu percebi sobretudo isso agora na última fase da FEUC, é o meu ofício, é o ofício do sociólogo. Nossa! É onde eu vibro, é onde... a sala de aula para mim é um espaço de atuação, é o nosso palquinho, é onde eu me sinto humanamente incrível, a experiência da FEUC foi muito importante para mim, talvez o mais ruim quando a gente olha uma trajetória profissional e aí está fora de uma universidade ou de um lugar mais fixo, mesmo que ela seja privado ou seja uma fundação, é a permanência, essas coisas mais esparsas é difícil você conseguir, é claro que você vai tecendo porque você vai construindo uma trajetória, mas essa última experiência da FEUC me deu uma sensação de que: “Nossa! É isso que eu quero fazer o resto da minha vida”. Só que em quais condições? Porque eu podia estar na FEUC ainda, eu podia estar na FEUC, eu que pedi demissão.

J – Se ela estivesse pagando em dia um salário um pouco melhor você consideraria ficar lá?

C – Claro! Mas só que depois começa a entrar no nível de um certo desrespeito e aí talvez ser professor seja insuportável quando você tem que, por exemplo, eu não fazia como a maioria dos professores que estavam lá que tinham uma carga muito maior de aula que eu. Eu não, dava aula duas vezes na semana, em sala de aula eu tinha oito tempos, mas são oito tempos menores, uns quarenta e cinco minutos e essa situação que para mim é extremamente gratificante da orientação. Do que essa coisa aula, sala de aula, dia e noite, noite e dia, isso seria muito

insuportável, talvez eu olharia para a docência como um lugar insuportável. Talvez o prazer que eu sentia era porque eu conseguia ter um outro trabalho que me ajudava na sustentação. Eu ainda... estou caçando outro concurso? Não, não estou caçando outro concurso porque eu preciso de tempo e o custo é muito alto.

J – É, deslocamento?

C – Eu tive que mandar a minha filha para Porto Alegre. Eu ter que pagar uma passagem para ela visitar a avó paterna e eu ter que pagar as duas partes para ela poder viajar, na ida e na volta sozinha. Eu ter que comprar minha passagem para Campos, eu ter que me hospedar em um hotel em Campos, por exemplo, os dias que eu fiquei em Campos foram metade do meu aluguel. Então você coloca isso tudo dá mil e poucos reais... não dá para passar...

J – Um por mês...

C – Um por mês... eu vou falir, já estou quase falindo! Vou falir mais rápido. Mas é eu vou fazer outro concurso? Não sei nem se vai ter mais concursos [risos]

J – É verdade.

C – Mas é possível que eu vá fazer outro concurso. O mandato não é um lugar para vida toda, seria muito ruim até. Ainda que eu pense que estou confortável lá etc. e tal não é um lugar para estar, eu acho até ruim que seja. Mas é um lugar que eu me sinto muito à vontade para estar, eu faço as minhas brigas, eu brigo lá dentro assim eu não me sinto tolhida ou podada, podada de travar, de dizer o que eu tenho que dizer, de colocar, então é um lugar que eu me sinto muito à vontade para trabalhar. Agora, eu entrei lá que tem tempo de entrada e tempo de saída, se eu tivesse passado obviamente em outro lugar eu iria dizer “Gente, muito bom estar com vocês, mas estou saindo” É porque é um outro lugar. A coisa da estabilidade, mas não só a estabilidade que hoje em dia inclusive está ameaçada talvez a situação de permanência, de menos provisoriedade, essa situação do professor precário, provisório ela é muito ruim, de você não ter um projeto a longo prazo de pesquisa. Porque nós fomos criados nessa lógica de professor e pesquisador que eu acho que é fundamental, retroalimenta, ainda que você olhe para os professores e vejam que eles estão metidos numa desgraceira burocrática, produtivista infernal, o Lattes aquela maluquice toda. Mas, por outro lado, isso é muito interessante, eu adoro sala de aula e adoro essa coisa da orientação...

J – Posso fazer uma última pergunta que é essa da orientação, que você falou várias vezes, eu não peguei essa, não peguei no sentido que nós não exploramos. Você falou muito disso que é

uma coisa que você gosta muito de fazer. Como é o seu trabalho de orientação? Você deixa correr mais solto, você fica em cima, você lê, como é que é?

C – A gente estabelece prazo e eu procuro eles, mas eu tento não ser, eu tento não ser dura e traumática como eu acho, eu acho porque as vezes a gente acha e não é, como eu acho que foi para mim no mestrado, por exemplo. E como para mim a experiência com a Ana Clara no doutorado, Ana Clara Ribeiro foi fundamental, foi humano. Mas não humano de aproximar mesmo, de ser menos doloroso porque é um processo doloroso. Obviamente, eu não sou mãe, tenho filha, não quero ser mãe de marmanjo, mas eu leio, por exemplo, eu leio e vou comentando e fiz isso agora em trabalhos de amigos, como tese, então eu me dedico, é um negócio que eu me dedico porque eu acho que eu aprendo muito, eu aprendo na escrita do outro, eu aprendo pelo tema do outro que eu não sei, e eu me sinto integrada com o outro, me dá muito tesão, mas eu tento não interferir na escrita, tento, assim... mas entendo, por exemplo, no caso da FEUC são estudantes dos quais eu me identifico muito pela origem social, socioeconômica, de classe social, então com muita dificuldade de escrita, com um elemento psicoemocional de que você não vai conseguir e isso eu também vi no MST, isso é um peso de classe.

J – Um mecanismo de que isso não é para mim, de que eu sou um impostor

C – É impressionante essa presença, essa presença. Obviamente, esse é um limiar, por exemplo, eu sou orientadora eu não sou psicanalista, não estou fazendo terapia, não sou assistente social, não é esse o meu trabalho. Mas de alguma forma era como se eu estivesse fazendo uma pequena revolução, no sentido de incentivar esses trabalhadores: “Olha, isso aqui é o seu direito. Você tem direito” A impressão que eu tenho do que eu aprendi nos movimentos sociais foi essa coisa de “eu tenho direito a esse lugar de aprendizado”, não é de produção de conhecimento novo, isso é muito mais complexo, mas de aprendizado mesmo, de acessar isso. Isso funciona como parte da hierarquia na nossa sociedade, é impressionante eu acho. É isso.

J – Carmen, muito obrigado. A gente passou por tudo, valeu.

[FIM DO DEPOIMENTO]